



AValiação: concepções

Paulo Ricardo Soares Pereira (UFCG)
pauloricardo_sp_@hotmail.com

Monaliza Mikaela Carneiro Silva (UFCG)
mikaelamona@hotmail.com

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Candeia Rodrigues (UFCG)
marciac_rodrigues@hotmail.com

I INTRODUÇÃO

A avaliação é um dos grandes temas que compõem a organização do trabalho educacional e pedagógico, sendo muito comum que todos os envolvidos no processo educativo tenham um “conceito” bem definido do que ela significa. A avaliação do comportamento, das habilidades, por assim dizer, do rendimento do aluno é preocupação frequente dos professores. Além de constituir parte inerente do trabalho, a avaliação dos alunos pelo docente é mecanismo pelo qual, o professor também pode averiguar os resultados do ensino: o desempenho atingido pelos alunos representa, de algum modo, o trabalho desenvolvido pelo professor.

Ao trabalharmos com a expressão “avaliação”, já inferimos, mesmo que uma simples conceituação, como o ato de avaliar algo ou alguém. No âmbito escolar, Luckesi (2011, p. 45), destaca:

A avaliação da aprendizagem escolar adquire seu sentido na medida em que se articula com um projeto pedagógico e com seu consequente projeto de ensino. A avaliação, tanto no geral quanto no específico da aprendizagem, não possui uma finalidade em si; ela subsidia um curso de ação que visa construir um resultado previamente definido.

No que diz respeito a avaliar, seria como um ato que “implica coleta, análise e síntese dos dados que configuram o objeto da avaliação, acrescido de uma atribuição de valor ou qualidade, que se processa a partir da comparação da configuração do objeto avaliado (...).” (LUCKESI, op. cit., p.52).

Observamos que deve haver uma preocupação/interesse por parte do professor, de modo a promover o desenvolvimento do educando, utilizando-se da avaliação da aprendizagem, mas sem deixar de lado o “rigor científico e técnico”, e



não se “apoiando” de modo errôneo do processo de avaliação, mas, refletindo sobre esse processo.

Para que os professores não “absorvam” erroneamente questões relacionadas à avaliação, LUCKESI (2011) aborda a importância de a escola deixar de lado uma visão “centralizadora” que está relacionada ao hábito de apenas examinar, e passar para uma “nova” avaliação da aprendizagem. Para tanto, “Para termos resultados novos no processo de ensino-aprendizagem em nossas escolas são necessários hábitos novos e estes, por sua vez, exigem novas aprendizagens, como também novas condições para exercê-las.” (p.67).

De acordo com Luckesi (2011), uma percepção tradicional/centralizadora de avaliar permeia por vários séculos e, além disso, o que ele chama de “modelo de sociedade vigente na modernidade” também é um fator que dificultaria a passagem de uma concepção, que levaria em conta apenas o “exame escolar”, para outra mais indicada, que levaria em consideração a “avaliação da aprendizagem”, pois esse modelo de sociedade é caracterizado por Luckesi (2011) como “excludente”.

Verificamos que, o profissional deve “arriscar”, deve procurar meios de incluir a todos os educandos, mesmo que a própria instituição – escola – não o faça. Isso seria o que o autor expressa como “lutar contra a maré”, de modo que o professor atentando e sendo cuidadoso permanentemente para que hábitos “velhos” possam ser superados, para que se possa conceber o ato de aliar como “um ato subsidiário além da obtenção de resultados positivos com nossa avaliação. Ninguém de nós, em sã consciência, age para obter insucesso. Todos desejamos o sucesso. (LUCKESI, op. cit., p.71).

Nesse caso, LUCKESI (2011) se refere à avaliação da aprendizagem realizada por intermédio de avaliações mais claras e objetivas, auxiliando o professor a observar as capacidades e habilidades dos educandos de forma a não reproduzir uma visão excludente. O autor, a todo o momento, aponta para uma visão de avaliação mais “ampla”, de modo a acolher a todos os educandos, proporcionando uma melhor aprendizagem, demonstrando que o profissional pode e deve ansiar por novas perspectivas de avaliação, que o auxiliem da melhor forma possível no contexto escolar. Avaliar, nesse contexto abordado por Luckesi (2011),



vai muito além de meras verificações do “saber”, revela um profissional preocupado com sua ação, e, acima de tudo, com os educandos.

Considerando que a prática da avaliação escolar foi observada em uma escola localizada na periferia da cidade de Campina Grande - PB, na qual já havíamos tido a oportunidade de verificar questões como os programas governamentais e também a concepção de planejamento, acreditamos que ao observarmos como se dá o processo de avaliação nesta mesma instituição, estaremos relacionando o que foi planejado com o que é avaliado pelos profissionais – professores – que compõe a escola. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo averiguar – a concepção – que docentes têm sobre o que significa avaliar.

II METODOLOGIA

Nesta pesquisa, optamos pela utilização de um questionário como um instrumento para verificar a concepção de avaliação dos professores entrevistados. Para tal, elaboramos as seguintes perguntas: (1) O que se avalia na sua disciplina? e (2) Quais critérios você utiliza para avaliar os alunos em sua disciplina? Que habilidades são avaliadas?

Neste trabalho, optamos por centrar nossa análise apenas nas respostas dadas à questão 01 pelos professores. O questionário foi aplicado a professores de disciplinas distintas do ensino médio em uma escola pública localizada na cidade de Campina Grande – PB.

A escolha dos professores que responderam os questionários se deu de maneira aleatória, visto que não foi necessária a identificação dos entrevistados e a escola dispõe de um número considerável de professores para uma mesma disciplina. O único critério que utilizamos diz respeito às áreas de conhecimentos que o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) abrange que são elas: Ciências Humanas e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Linguagens, Matemática, Códigos e suas Tecnologias, no sentido de obtermos no mínimo um questionário respondido para cada área, ou seja, um entrevistado (docente) de cada área desses conhecimentos.



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

III RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resposta à questão 01 – *O que você avalia na sua disciplina?* – de modo geral, todos os entrevistados (docentes) responderam de modo a citar os conteúdos específicos da área, de forma a avaliarem os educandos a partir do que é ensinado. Observamos, então, algumas respostas concebidas para a questão:

Como se trata de uma ciência da sociedade, é necessário que se avalie a compreensão, a interação e a capacidade de interpretação dos fenômenos geográficos como também a participação do educando como agente transformador e criador do espaço geográfico. (Professor de Geografia).

A capacidade que o aluno teve em compreender os conteúdos propostos. Tendo em vista que há diversas interpretações acerca de um mesmo conteúdo – característica da disciplina – visa-se uma clara compreensão dos temas/conteúdos. (Professor de Filosofia).

Essas respostas nos remetem ao que já havíamos abordado anteriormente, quando Luckesi (2011, p. 58) afirma que uma avaliação plena só será possível “na medida em que se estiver efetivamente interessado na aprendizagem do educando, ou seja, há que se estar interessado em que o educando aprenda aquilo que está sendo ensinado.”

Mas, nesse mesmo contexto, observamos que em uma mesma instituição houve respostas extremamente distintas, pois ao analisarmos as duas respostas anteriores, e a que segue, verificamos um “acréscimo”, na concepção de avaliação:

A compreensão do fenômeno físico, principalmente, seguido da manipulação das relações matemáticas necessárias, a localização dos estudos dos fenômenos em um contexto histórico e social ao longo da história da ciência. Os alunos devem ser capazes de relacionar modelos físicos a situações do cotidiano que servem como exemplo de suas aplicações. (Professor de Física)

Percebemos nessa resposta que, além do professor considerar os conteúdos específicos da sua disciplina, há também uma tentativa de interdisciplinaridade, ao passo que também avalia a capacidade do aluno em relacionar os conteúdos da disciplina com outros, a exemplo dos matemáticos, além de observar o contexto histórico da disciplina.



Essa ligação com os conteúdos poderia ser caracterizada como uma “prática nova”. Considerando as respostas analisadas, retomamos assim, outra citação de Luckesi (2001, p. 67), “Para termos resultados novos no processo de ensino-aprendizagem em nossas escolas são necessários hábitos novos e estes, por sua vez, exigem novas aprendizagens, como também novas condições para exercê-las.” Em geral, todas as respostas à primeira questão seguem esse mesmo padrão: de citar os conteúdos específicos de cada disciplina.

IV CONCLUSÃO

Apresentadas então algumas concepções do que seja avaliação para os professores, como essa é “vista” e praticada pelos docentes, percebemos que, de modo geral, há uma noção de aplicabilidade no que diz respeito ao ato de avaliar, tendo em vista as habilidades e as competências do educando, questões essas fundamentais quando se pensa no desenvolvimento educacional.

Trabalhar com avaliação é imprescindível, no sentido de que a entendamos conectada a uma prática educacional necessária para que se saiba como se está, enquanto aluno, professor e conjunto da escola, o que já se conseguiu progredir, como se vai vencer o que não foi superado e como essa prática será eficaz para os alunos e para os professores. Destacamos que o ato de avaliar – a avaliação – deve ser conscientemente vinculado à concepção de mundo, de sociedade e de ensino que queremos, permeando toda a prática pedagógica e as decisões metodológicas.

REFERÊNCIAS

LUCKESI, C. C. Verificação ou Avaliação: o que pratica a escola?. In.: *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. – 22ª edição – São Paulo: Ed. Cortez, 2011, cap. 03, p. 45-60.

LUCKESI, C. C. De examinar para avaliar, um trânsito difícil, mas necessário. In.: *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. – 22ª edição – São Paulo: Ed. Cortez, 2011, cap. 05, p. 67-72.
